

Trinta e quatro anos depois do 25 de Abril de 1974, importa comemorar “Abril” e afirmar os valores da Democracia e da Liberdade. Nada pode motivar ou impedir o livre exercício dos direitos e deveres de cidadania.

Ao longo de todos estes anos do regime democrático e com a institucionalização do poder local, o PSD soube interpretar melhor do que nenhum outro partido político em Portugal, aquelas que eram as aspirações dos portugueses.

Não é necessário recuar à estatística eleitoral para constatar qual a força política, que ao longo de todo este período de 3 décadas, mais eleições ganhou nas Câmaras Municipais e nas Juntas Freguesias de todo o país.

Creio que também não é preciso referir aqui todas as virtualidades e todas as melhorias que o poder local democrático foi capaz de introduzir na nossa sociedade e nas nossas comunidades.

De facto, passados 34 anos sobre a saída da coluna militar de Salgueiro Maia até Lisboa, o poder local autárquico continua a confirmar-se como uma das mais importantes conquistas do poder democrático e da Constituição.

Todavia, o nosso país em geral e as nossas comunidades locais em particular, continuam a debater-se com problemas que parecem ter solução adiada, pelo que, os nossos concidadãos, e em especial os jovens, os filhos de Abril, têm vindo a perder a esperança, multiplicando a sua ausência e crescendo o seu alheamento face à política.

Como filho de Abril não me conformo, e não quero viver num país que fatalmente parece estar destinado a ser pior que os outros. A estar na cauda da Europa.

Não me posso conformar que em pleno século XXI existam ainda graves problemas como o desemprego, a precariedade no trabalho, a geração a recibos verdes, os baixos salários, as baixas pensões dos idosos, as rendas impossíveis para a habitação, e sobretudo, uma cada vez maior exclusão social.

Apesar da conquista da liberdade e da democracia, o nosso país continua a crescer abaixo da média da União Europeia e continua persistentemente a perder o comboio da convergência com os nossos parceiros europeus.

A ideia que vai prevalecendo é que no nosso país continuamos a ter cidadãos de primeira e de segunda no acesso a áreas fundamentais como a saúde, educação e justiça, ou seja, que o nosso Estado, seja através do Governo ou da Administração Pública, é um dos mais centralistas da Europa, continuando preocupantemente a aumentar as disparidades e a acentuar as diferenças.

Por isso, afirmo que não podemos ficar parados, porque toda a geração nascida depois de Abril anseia ter esperança no futuro, acreditar em concretizar o sonho de viver e sobretudo, ter consciência de que é possível deixar aos vindouros um património melhor do que aquele que nos foi entregue.

Esta esperança, este sonho e este legado aos vindouros também tem de ser concretizado no Cartaxo.

Há hoje, entre os nossos concidadãos, uma cada vez maior consciência de que o nosso poder local se tem degradado.

Os afastamentos políticos dos últimos anos mal explicados, os lugares políticos preenchidos pelos amigos, as sucessivas inspecções e auditorias, a degradação da situação financeira municipal, o atraso no pagamento aos fornecedores, os tiques de autoritarismo, as certezas absolutas mesmo contra todas as evidências são alguns dos exemplos desta degradação.

É por isso necessário reflectir para onde estão a dirigir o futuro do nosso município.

Uma vez mais, como filho de Abril não me posso conformar.

Não me conformo porque não quero viver num concelho que fatalmente parece estar destinado a ser conduzido para um beco sem saída, dirigido com a preocupação de obter rápida notoriedade mas sem curar de garantir a sustentabilidade das várias soluções.

Não me conformo com a ideia de um concelho onde os jovens licenciados têm de ir trabalhar para Lisboa ou para Santarém porque aqui não encontram a oportunidade de um emprego.

Não me conformo com um poder municipal que está constantemente omnipresente e que faz tudo para se manter paternalista.

Não me conformo com a incapacidade de transferir para a iniciativa privada e social um conjunto de tarefas nas quais estas entidades se encontrem mais aptas e mais habilitadas, a satisfazer as

necessidades colectivas. A tarefa do Município não é garantir o monopólio das funções públicas, mas sim garantir a plena satisfação das necessidades colectivas.

Não me conformo com esta administração, onde todos ralham e ninguém parece ter razão, incapaz de se modernizar e qualificar, falando do que sabe e do que conhece, mas que infelizmente não presta um bom serviço às populações nem assume os seus erros, como sucedeu recentemente com a questão do Imposto Municipal sobre Imóveis.

Não me conformo com a falta de sustentabilidade de várias opções em curso, com o incumprimento da lei para com as micro e pequenas empresas do nosso concelho que as asfixia financeiramente, com o fazer obra de fachada agora mas que os vindouros das futuras gerações ainda vão pagar e suportar.

Não me conformo com as iniciativas folclóricas e periódicas que não alteram o dia-a-dia de muitas lojas e de muitos comerciantes que continuam em grande dificuldade, sem abrir a gaveta da caixa registadora, porque não há clientes e as soluções apresentadas não têm qualquer efeito.

Por isso, para terminar, quero – como filho de Abril – acreditar que também aqui é possível fazer melhor.

Não podemos assumir que o 25 de Abril fez tudo, porque a situação actual e o futuro de todos os nossos concidadãos devem ser um desafio para todos e um motivo redobrado para comemorar Abril, em Liberdade e em defesa da Democracia.

